

Vida Religiosa: tua meta é ser feliz!

Certa vez depois de assessorar um curso em Curitiba, um tanto cansado, tomei um ônibus para retornar à minha Fraternidade em Londrina. Ao meu lado sentou-se uma moça. Quando nos apresentamos ela perguntou o que eu fazia e respondi que era Frei.

– A vida de vocês deve ser muito sofrida, né? – disse-me ela.

– Nem tanto – respondi. Mas por que você pensa assim?

– É que vocês padres e freiras parecem tão tristes. Acho que é uma vida muito difícil...

Continuando a viagem conversamos muito e sobretudo quando eu disse que era biblista ela me fez muitas perguntas. Conteí até algumas piadas a ela para mostrar que também sabia sorrir e me divertir com a vida. Porém, dentro de mim ficou esta dúvida: será que é esta mesmo a imagem que o povo tem de nós? É real? E se for, por que será que é assim?

Daí em diante procurei olhar mais para os religiosos e religiosas que ia encontrando. Depois de algum tempo, fui quase me convencendo que a moça não estava tão errada assim. Boa parte dos religiosos e das religiosas vive um tanto triste e demonstra no próprio rosto um ar de sofrimento.

A princípio, podemos dizer que alguns de nós, de fato, temos motivos para isso. Muitas vezes somos o retrato do povo com quem convivemos. Acho importante o que afirmou o Cardeal Lehmann: “*A Igreja está doente, mas ela vive numa sociedade doente! Ela não seria a Igreja do povo se ela não conhecesse as doenças do povo*”¹. Dizer que padecemos as dores do povo, por um lado, pode parecer estranho. De outro lado, é sinal que estamos inseridos neste mundo e carregamos conosco o fardo e o sofrimento do povo. Ai de nós se não fosse assim!

A Vida Religiosa tem uma missão importante neste mundo em que vivemos e na Igreja à qual pertencemos. Ser religioso ou religiosa é fazer parte daquele grupo de pessoas que foram escolhidas, chamadas e que responderam afirmativamente ao chamado de Deus, colocando-se a serviço do seu projeto. Mas, temos também uma meta: buscar a nossa realização como pessoas humanas, sendo sinal no meio ao povo. Vou tentar buscar na Bíblia alguns pontos que fundamentem a nossa missão e a meta para as quais Deus nos escolheu e chamou.

Deus escolhe e chama

Encontramos na Bíblia o plano de nosso Deus que quis revelar sua mensagem e para isso escolheu para si um povo, a quem conferiu uma missão. Esta missão já pode ser percebida entre os Patriarcas e Matriarcas. O sinal da escolha esteve presente em Abraão e Sara; em Isaac e Rebeca; em Jacó, Lia e Raquel. Na escolha dos nossos pais e mães da fé, o Senhor vai comunicando a sua Promessa: dar uma terra, uma grande descendência e a bênção.

Mas é nos livros do Êxodo e Deuterônimo que encontramos mais nitidamente a predileção de Deus que escolheu um povo e o chamou para esta missão. Este será o povo que colocará em prática a Promessa já feita aos pais e mães. A missão era importante: sair da opressão do Egito para atravessar o deserto e ir habitar a Terra Prometida. Esta terra tantas vezes comparada ao jardim², devia ser também o local da felicidade, o lugar onde habitaria um povo que fosse fiel ao seu Deus, e se tornasse modelo para os demais povos da terra: “*Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa*” (Ex 19,6).

O êxodo, porém, não foi simplesmente um deslocamento de pessoas. Nesta caminhada com o seu povo, Deus quis fazer história. Ao mesmo tempo, Israel deveria ser sinal para outros povos da bondade e carinho com que foi tratado pelo seu Criador e Senhor que caminhava com ele.

É interessante verificar que a palavra hebraica *'eved*, pode ter dois significados: escravo e servo. No Egito, o povo é escravo do faraó (*'eved faraó*) e vai ser libertado para ser servo do Senhor

¹ Karl Lehmann, presidente da Conferência dos Bispos da Alemanha, em entrevista publicada no jornal *Le Monde*, em 18.08.2005.

² Jesus universaliza a proposta do AT e então o novo “jardim” onde o povo deverá viver o sonho de Deus é em toda a Terra e por isso prefere chamar este projeto de Deus de “Reino de Deus (ou dos Céus)”.

(*'eved Adonai*). Israel é libertado para servir, para testemunhar, para uma missão universal. “*É de mim que os israelitas são servos; são servos meus que fiz sair da terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus*” (Lv 25,55).

E é por isso que a escolha que Deus faz não é porque Israel é importante, mais digno que os outros povos, mas por aquilo mesmo que ele é. “*Se o Senhor se apaixonou por vocês e vos escolheu não é porque vocês são os mais numerosos dos povos da terra. Pelo contrário, sois o menor de todos os povos! Foi por amor a vocês e para manter a promessa...*” (Dt 7,7-8a). E por isso, a este povo o Senhor tratou com um amor imenso: “*Ele o encontrou numa terra árida, num deserto solitário e cheio de uivos. Cercou-o de cuidados e o guardou com carinho, como se fosse a menina dos seus olhos. Assim como a águia que cuida do seu ninho e revoa por cima dos filhotes, ele o tomou, estendendo as suas asas, e o carregou por cima de suas penas*” (Dt 32,10-11).

Nestes textos percebemos as ações importantes que Deus realiza. Antes de tudo, é preciso dizer que a Bíblia procura demonstrar com categorias humanas como Deus age com seu povo. No humano, o melhor e o mais belo, é demonstrado pelo amor. Pois é isso mesmo que Deus faz: olha e vê, apaixonou-se, chama, convida, escolhe... Deus faz uma Aliança de amor e de pertença: “*Eu serei o vosso Deus e vocês serão o meu povo*” (Lv 26,12). Em várias passagens encontramos também que este Deus é “ciumento” (Dt 4,24; 5,9; Ex 20,5; Js 24,19; 2Cor 11,2, etc). Não é um ciúme doentio. Mas o ciúme próprio de quem ama. Deus é ciumento do seu povo, porque ama este povo, porque lhe quer bem e por isso não quer que vá buscar em outros corações (outros deuses) aquilo que Ele lhe dá: amor! Deus é ciumento porque entende que este povo é seu; é sua propriedade especial (Cf. Ex 19,5; Dt 14,2). E portanto, não permite que alguém o toque, e então o defende dos perigos, cuida dele. Os textos nos mostram o coração materno de Deus. É próprio da mãe o cuidado, a proteção, a defesa da sua criação.

Deus está presente com quem escolhe e chama

Outro elemento importante que encontramos na Bíblia é que o Deus que escolhe e chama não é um Deus distante. Ao contrário, praticamente a todas as pessoas chamadas é reservada uma declaração especial: “*eu estarei contigo*”³. Na maioria das vezes, a expressão também é acompanhada por uma outra, também muito importante: “*Não tenha medo!*”. Ora, o medo é próprio de quem é frágil, fraco, necessitado... Deus mais uma vez se porta como a Mãe que cuida e protege, que dá garantia e segurança. Aqui poderíamos acrescentar que esta presença de Deus se manifesta sobretudo com o sinal da bênção. Ora, a bênção está ligada à proteção, ao cuidado, ao carinho. “*O Senhor te abençoe e te guarde!*” (Nm 6,24). Bendizer: *bem + dizer!* Dizer coisa bonitas, boas... No AT encontramos muito forte a idéia dos movimentos ascendente e descendente. O povo que oferece, que eleva até Deus as suas orações, suas ofertas, sacrifícios e holocaustos, em contrapartida, espera que Deus retribua com as bênçãos e favores ao seu povo.

Disse Santo Irineu que “*a glória de Deus é que o povo tenha vida*”. O Deus revelado pela Bíblia é um Deus que sai do seu trono para vir ao encontro, para caminhar, para habitar no meio do povo. Poderíamos afirmar que Deus se sente feliz em tornar e ver o povo feliz.

Deus não quer ser apenas um passageiro temporário na peregrinação. Deus quer habitar com seu povo. Na caminhada pelo deserto há um momento de parada: é o Sinai (Ex 19,1ss). Diante da montanha, é selada uma Aliança de amor e pertença. Muito mais: a partir daí, o Senhor habita no meio do seu povo e pode ser visitado. Antes que se entrasse no sistema anacrônico e legalista do Templo, havia a idéia de que Deus habitava na Tenda, nos Santuários ou no Templo e aí as pessoas podiam oferecer sacrifícios de comunhão (cf. Lv 3). Estes nada mais eram do que refeições feitas diante da divindade. A gordura e as entranhas eram queimadas para que subissem como um

³ Só para citar alguns exemplos de chamados que ouvem do Senhor esta expressão: Abraão (Gn 15,1; 21,20.22); Isaac (Gn 26,24); Jacó (Gn 28,15); Moisés (Ex 3,12); Josué (Js 1,2); Davi (2Sm 7,3.9); Jeremias (1,8.19); o povo na caminhada (Dt 20,1; Ex 33,11ss); o povo como servo sofredor (Is 41,10; 43,5). No NT, Jesus é o “*Deus Conosco*” (Mt 1,23) e que está conosco (Mt 18,20; 28,10; Jo 6,56; 7,33; 8,29; 1Jo 4,12-17); Maria (Lc 1,28); Paulo (At 18,9) e o Apocalipse termina com o chamado: “*Vem Senhor Jesus*” (Ap 22,20).

agradável perfume até Deus; a parte restante era consumida pelos ofertantes. Ora, não é isso o que nós também fazemos quando vem nos visitar um amigo ou uma amiga importante? Oferecemos o cafezinho, o almoço gostoso, a festa, a alegria do encontro... A Deus se oferecia o melhor dos rebanhos ou das colheitas. Ou seja uma oferta agradável.

Estas passagens são importantes para entendermos o que Jesus fez e o que significou a sua encarnação. “*E o verbo se fez carne e habitou entre nós!*” (Jo 1,14). Na época de Jesus, o esquema de sacrifícios no Templo havia se tornado ridículo: só quem tinha mais condições podia oferecer sacrifícios, virou exploração, comércio. Até os negociantes de pombas exploravam os pobres. A religião havia colocado Deus distante do povo. Deus então se encarnou no ventre de Maria, na gruta de Belém, na periferia da Galiléia. É o novo Templo de Deus! E aí todos podiam ir encontrá-lo, oferecer presentes, deter-se com Ele. Por isso mesmo, Mateus pode dizer que Jesus é o Emanuel, que quer dizer justamente: *Deus está conosco* (Mt 1,23). É uma visita benéfica: “*Um grande Profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo*” (Lc 7,16).

Jesus é o Enviado do Pai e é Aquele que continua a obra do Pai (cf. Jo 4,34; 5,17). Assim como Deus veio habitar em meio ao seu povo, Jesus vem armar a sua tenda no meio de nós. Por isso, Ele também chama, convida, escolhe, dá missão...

A VR como escolha...

Pensemos então na Vida Religiosa: é de Jesus que vem o primeiro chamado, o início da nossa vocação: “*Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi*” (Jo 15,16). Assim, como escolheu, chamou e deu uma missão aos Doze (cf. Mc 3,13-19), aos discípulos e a tantas vocações que encontramos na Bíblia, nós religiosos e religiosas encontramos aqui a raiz da nossa vocação. Fomos chamados por Ele, para estar com Ele. E é para a missão a serviço do Reino que Ele nos envia.

Devemos recuperar hoje a auto-estima da Vida Religiosa. E isto se dá somente se soubermos fazer um retorno profundo às idéias e práticas mais importantes que a Bíblia nos revela. Primeiro, devemos nos sentir felizes porque fomos chamados e chamadas. Não fomos escolhidos e escolhidas por acaso. Nem porque éramos os melhores. Fomos olhados, escolhidos, acolhidos, porque houve um Deus que continuou fazendo o que já havia feito em toda a história da revelação bíblica. Deus nos olhou e se apaixonou por nós. A paixão pode ser à primeira vista, mas o amor vem a partir do conhecimento. Deus nos conhece, sabe nosso nome, entende nossos sentimentos, nossos problemas, sabe dos nossos valores e das nossas limitações “*Não tenha medo, porque eu te resgatei, te chamei pelo nome: tu és meu... eu estarei contigo! Porque és precioso aos meus olhos e eu o aprecio e te amo*” (cf. Is 43,1-4). Deus continua se revelando hoje como mãe que ama e conhece, continua a nos dizer: *Coragem! Não tenha medo!*

Quem ama não abandona. Vale outra vez a categoria humana. A amada sabe que mesmo distante fisicamente o amado está presente em seu coração. Assim como as pessoas chamadas na Bíblia, temos que desenvolver a espiritualidade e a mística da certeza de que Deus está conosco. No dia a dia da vida, nos momentos de dificuldades, na alegria e tristeza, na missão e nos confrontos com o mundo, conosco está o Deus que tantas vezes e de tantos modos disse: “*Eu estarei contigo!*”.

Diante de um mundo que muda tanto, é normal (e até necessário) que freqüentemente nos deparamos com crises, com momentos de dor, de angústia... São momentos que nos fazem sofrer. Pena que alguns formadores na hora da crise, costumam apontar somente para a porta de saída⁴. A

⁴ Entre os discípulos de Jesus encontramos várias vezes a crise. Pedro está numa crise prolongada. É na busca, no seu jeito brusco, que vai se encontrando, sofrendo tantas vezes para conseguir entender sua missão. Judas Iscariotes não enfrenta a crise, sai pela porta dos fundos e faz uma enorme besteira: entrega o Mestre e ainda por cima busca o suicídio como saída. Os dois discípulos de Emaús (casal?) fogem com medo, mas resolvem a crise caminhando com Jesus, escutando a Palavra, partilhando o pão e retornando à Comunidade (cf. Lc 24,13-35). Tomé não estava na comunidade quando Jesus apareceu e por isso não acreditou e entrou em crise. Ele encontra o Jesus Ressuscitado na Comunidade e por isso pode exclamar: “*Meu Senhor e meu Deus*” (Jo 20,28).

crise é o momento do encontro com o Senhor. O momento de rever práticas, projetos... Pode ser o momento de *kairós*, de parar diante de Deus, escutar, ouvir o que Ele tem a nos dizer.

Volto à Bíblia outra vez. Os momentos da crise, da dor, do sofrimento foram os momentos mais ricos da revelação bíblica. Pensemos na escravidão do Egito, no exílio da Babilônia, na cruz de Jesus, para citar três exemplos. Estes foram também os momentos em que foi relevado o rosto mais belo de Deus na Bíblia: um Deus amoroso, compassivo, consolador, redentor da vida... Em nossos momentos de crise, nada mais bíblico do que buscar o rosto deste Deus que seguramente está ao nosso lado.

Nós, religiosos e religiosas, temos também que recuperar a idéia da beleza que temos e somos. Somos imagem e semelhança de Deus. Esta marca vem desde a Criação. Somos belos, apesar das limitações do corpo que temos. Somos beleza porque somos alma. Foi assim que Deus nos viu e o autor bíblico pôde exclamar: *Deus viu que era muito bom!* (Gn 1,31). Somos belos também porque somos habitação onde mora Deus. “*Vós sois o templo do Espírito Santo, morada de Deus!*” (cf. 1Cor 3,16). Esta certeza deve nos motivar, dar razões de esperança (cf. 1Pe 3,15), motivo de auto-estima... Quem gosta de si, do seu jeito e daquilo que é, vai gostar também do povo, do jeito do povo, vai transmitir esperança e auto-estima ao povo com quem trabalha.

A Vida Religiosa deve saber sorrir! Não o sorriso falso e hipócrita dos opressores ou dos alienados, mas o sorriso do amor à vida, da dedicação e do serviço ao Reino, aos pobres, à natureza. Só assim seremos mais eficientes na nossa missão. Só assim seremos “sal e luz” no meio deste mundo: “*Brilhe a vossa luz...*” (Mt 5,16). Só assim podemos ser capazes de enfrentar as dificuldades que a missão nos coloca.

Fico sempre impressionado quando olho para a figura do Apóstolo Paulo. Ele era feliz na sua missão, sentia-se realizado por ser um instrumento a serviço do Reino de Deus, da Igreja e das comunidades. Quando lemos seus escritos quase nos assustamos em ver o quanto ele sofreu. “*Falo como louco: eu o sou muito mais. Muito mais pelas fadigas; muito mais pelas prisões, infinitamente mais pelos açoites; freqüentemente em perigo de morte; dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite em alto mar. Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigo por parte dos meus irmãos de raça, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos. Mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho. E isso para não contar o resto: a minha preocupação cotidiana, a atenção que tenho por todas as Igrejas* (2Cor 11,23-28). Nem por isso ele desanimou. Em todos os momentos sabia louvar, animar, cantar, levar adiante seu projeto. O sofrimento quando é a serviço do Reino não nos machuca, mas pode nos libertar. Como era belo o sorriso da Ir. Dorothy! Sorriso desenvolvido em meio ao sofrimento e perseguição. Sorriso verdadeiro, original, porque sua vida era dedicada à vida do povo.

Nossa missão é estar a serviço do Reino. É a utopia do Reino de Deus que nos faz caminhar e nos motiva a dedicar a vida como serviço. O Reino é sempre maior do que as nossas expectativas; é sempre maior do que podemos ver realizado, como bem diz um provérbio magrebino: “*Nenhuma caravana jamais alcançou a utopia, mas é a utopia que faz andar as caravanas*”.

Nossa meta⁵ é sermos Religiosos e Religiosas felizes, pois é disso que o mundo necessita. É deles e delas que a Igreja precisa neste momento. A Palavra de Deus alimenta a nossa caminhada; a certeza de que Deus está conosco nos fortalece. Devemos estar inseridos no meio do povo e vivendo em comunidade e então realizaremos a missão à qual fomos escolhidos e chamados. Só assim podemos exclamar como o Apóstolo São Paulo: “*Somos para Deus o bom perfume de Cristo!*” (2Cor 2,15).

Frei Ildo Perondi, OFMCap
ildo.perondi@pucpr.br

⁵ Escolhi a palavra “meta” como este nosso horizonte último. Poderia ter escolhido outras, como: utopia, expectativa, busca, caminho... Martin Buber (1878-1965), este grande místico hebreu, usou a palavra hebraica “Cavvanah”, como um mistério da alma em direção a esta meta (*La leggenda del Baalscem*, Roma, 1989, pg. 29).